

FERNANDO LUIZ DA FONSECA

**SANTO ANTONIO DO PARAGUAÇU
E O CONVENTO DE
SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**ESTUDOS
BAIANOS**

Universidade Federal da Bahia/Nº 16/1988

F676 Fonseca, Fernando Luiz da
Santo Antonio do Paraguaçu e o Convento de São Francisco do Conde
Fernando Luiz da Fonseca. — Salvador: Centro Editorial e Didático da
UFBA, 1988.

143 p.: il. — (Estudos Baianos: 16)

Traz, em anexo, um documento franciscano no século XIX.

1. Arquitetura religiosa-Bahia. 2. Conventos Franciscanos. I. Universi-
dade Federal da Bahia. II. Título. III. Série.

CDU 726.7:271.3(814.2)
CDD 726.773

Biblioteca Central da UFBA.

PREFÁCIO

A arquitetura religiosa, por sua riqueza e refinamento, tem sido a faceta mais esquarinhada da arquitetura brasileira. Além de trabalhos de síntese, como o clássico *L'Architecture Religieuse Barroque au Brésil* (1955) de Germain Bazin, alguns autores tem-se dedicado a aspectos específicos, como as expressões particulares da arquitetura das ordens religiosas. Assim, com anterioridade, Lucio Costa deteve-se sobre *A arquitetura dos Jesuítas no Brasil* (1941), tema também abraçado por Robert C. Smith, em *Jesuit Buildings in Brasil* (1948), e Paulo F. Santos, em *O Barroco e o Jesuítico na Arquitetura do Brasil* (1951). Os Beneditinos tiveram em Dom Clemente Maria da Silva-Nigra o grande estudioso de suas artes, em especial da Arquitetura. D. Clemente analisou a obra dos mais importantes artistas beneditinos: os *Construtores e Artistas do Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro* (1950), *Frei Bernardo de São Bento*, o arquiteto seiscentista do Rio de Janeiro (1950), os *Dois Escultores Frei Agostinho da Piedade, Frei Agostinho de Jesus e o Arquiteto Frei Macário de S. João* (1971).

A obra dos Franciscanos, conquanto conte com notáveis cronistas, como Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão (séc. XVIII) e historiadores, a exemplo de Frei Basílio Roewer, Frei Bonifácio Mueller e Frei Venâncio Willeke, não possuía, a rigor, um estudioso de sua arte. Paradoxalmente, foram os Franciscanos que produziram a arquitetura religiosa mais tipicamente brasileira. A implantação urbanística de seus conventos, precedidos de um amplo adro onde se localiza, invariavelmente, o cruzeiro; a planta típica de suas igrejas com uma grande sacristia ocupando toda a largura do edifício; suas fachadas, em um primeiro momento protegidas de copiar, e, a partir de meados do século XVII, escalonada sobre galilé, com torre recuada, e finalmente seus retábulos em arquivolta contribuíram para a elaboração da mais original e persistente tipologia conventual brasileira. A elaboração desta tipologia, quase estilo, processou-se, no Nordeste, notadamente em Pernambuco,

onde a ordem teve seu primeiro estabelecimento definitivo no país, no longínquo ano de 1584, e na Bahia, onde surgiu a magnífica fachada piramidal, que conquistaria todo o Nordeste e se transformaria na marca registrada dos conventos franciscanos.

Fernando Luíz da Fonseca, o saudoso colega da Universidade Federal da Bahia, percebeu esta lacuna na historiografia da arte brasileira e procurou colmatá-la através de um trabalho persistente. É fácil acompanhar a evolução do seu interesse pelo tema. Em 1971, publicou dois artigos em *A Tarde* sobre temas franciscanos: "Santo Antonio do Paraguaçu" (18.IX) e "Frei Daniel de São Francisco" (21.XI). No ano seguinte, a *Revista de Cultura da Bahia*, órgão do Conselho Estadual de Cultura, do qual era membro, publicou artigo seu sobre o título: "Um documento franciscano do século XIX". Em 1973 o Museu do Recôncavo Wanderley Pinho edita o seu livro *Santo Antonio do Paraguaçu*. Um ano mais tarde, apresentou no I Seminário de Estudos sobre o Nordeste — Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico (Salvador, UFBA) das comunicações: "Arquitetura do Século XIX em Salvador e Recôncavo" e "Conventos Franciscanos são bens a preservar". Um segundo livro seu, com o título de *O Convento de São Francisco do Conde*, seria lançado em 1975 pelo mesmo editor do primeiro. A trilogia sobre os grandes conventos franciscanos do Recôncavo seria completada com um estudo sobre o convento de Santo Antonio de Cairu, terminado pouco antes de sua morte.

Seu interesse pela arquitetura franciscana não se restringia à Bahia, fazia parte de um projeto mais ambicioso de estudar a arquitetura da ordem em todo o Nordeste. Interessou-se também, por outros temas como a arquitetura do Recôncavo, genericamente. Além de sua tese de Livre Docência, "*Primórdios da Arquitetura Religiosa no Recôncavo Baiano*" (1960), publicou: *Algumas Igrejas Baianas*, s.n.t, 1961; *Um estudo de Arquitetura Rural*, Salvador, Ideal, 1961; "A torre de Garcia d'Ávila", *Universitas*, n.8, 1868. Através da já citada *Revista de Cultura da Bahia*, publicou a seguir: "Ruínas Notáveis", v.5, 1970; "Os dois Fortes do Mar", v.6, 1971; "A arquitetura no Processo Cultural da Independência", v.8, 1973; "A arquitetura do Recôncavo Baiano", v. 10, 1975; "Capelas abandonadas", v. 12, 1977. Publicou ainda "O Acervo arquitetônico de Salvador e Recôncavo", *Casa e Jardim*, dez. 1975 e uma série de 23 artigos em *A Tarde*, no período compreendido entre maio de 1968 e março de 1974.

Fernando participou, também, de trabalhos de equipe, através do

Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia — CEAB, do qual foi um dos fundadores e baluartes. Sob inspiração do historiador de arte Enrique Marco Dorta, que fora nomeado primeiro diretor do Instituto de Cultura Hispânica da UFBA e visando elaborar a comunicação da Belas Artes da UFBA ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Salvador sob o patrocínio da UNESCO e da UFBA, em 1957, reuniu-se um grupo de professores que daria origem a um centro permanente de pesquisa. Eram eles: Marco Dorta, Américo Simas F^o, Fernando Fonseca, Oscar Caetano, José Rescala e Cid Teixeira. Muitos dos componentes do grupo primitivo foram absorvidos por outras atividades, enquanto Américo Simas F^o e Fernando Fonseca arcaram sozinhos com o centro de pesquisa, inclusive financeiramente, até que o mesmo fosse institucionalizado, em 1963, e uma nova geração de professores e alunos pudessem engrossar suas fileiras. Neste âmbito, através de convênios com outros órgãos, foi realizada uma série de estudos sobre a evolução de cidades monumentos, sob a sua coordenação ou com a sua participação, como parte de planos diretores de preservação. Dentre estes, podemos citar os realizados para Laranjeiras (1975) e São Cristovão (1980), em Sergipe, Cachoeira (1976) e Nazaré em nosso estado, este último interrompido com sua morte prematura aos 57 anos.

Ele foi, literalmente, um professor de dedicação exclusiva à Universidade Federal da Bahia. No seu curriculum-vitae não consta que tenha exercido qualquer outra atividade pública ou privada fora desta Universidade, salvo a de membro do Conselho de Cultura do Estado da Bahia, no período de 1969 a 1975. Diplomado arquiteto, em 1952, pela centenária Escola de Belas Artes da UFBA, retornaria à mesma casa, dois anos mais tarde, como Assistente Voluntário, o que vale dizer, não remunerado, a convite do Prof. Carlos Sepúlveda, catedrático de Composição Decorativa. Em 1956 passou a Instrutor de Ensino de Organização do Trabalho — Prática Profissional, por convite do Prof. Américo Simas Filho, de quem se tornaria amigo e colaborador.

Mas é a partir de 1959 que ele encontraria sua verdadeira vocação de historiador de arquitetura ao ser contratado para reger a cadeira de Arquitetura no Brasil. Dois anos mais tarde, já era Docente Livre da mesma disciplina na nova Faculdade de Arquitetura da UFBA, mediante concurso público. Entre 1961 e 1971 exerceu o magistério nas duas unidades universitárias. Na Escola de Belas Artes, como Professor Adjunto de Arquitetura Analítica; na Faculdade de Arquitetura, como Professor de Ensino Superior, e depois Adjunto, de Arquitetura no Brasil. Com a

tese *Arquitetura Militar da Cidade do Salvador, Introdução ao Estudo* prestou concurso em 1971 para Professor Titular do Departamento V — Da Evolução da Arquitetura — da Faculdade de Arquitetura da UFBA. Nesta condição participou de comissões julgadoras de concursos de Professor Adjunto da Faculdade de Arquitetura (1972) e Professor Assistente de Belas Artes (1974) da UFBA, e Livre Docência da Universidade Federal de Pernambuco (1978).

Não se furtou, também, às funções administrativas, sendo Chefe do Departamento V da Faculdade de Arquitetura, durante dois períodos (1969/71 e 1976/84); Assessor Técnico dos Departamentos Cultural e de Planejamento da UFBA (1965/67); Vice-Diretor, em exercício, da mesma faculdade, de novembro de 1973 a junho de 1974; Presidente da COPERTIDE — UFBA (1971/73) e da COPERT — UFBA (1979/80). Como prova de dedicação à UFBA, seu último trabalho foi uma história da Faculdade de Arquitetura, preparada para as comemorações dos 40 anos da UFBA.

Fernando Fonseca foi, ao mesmo tempo, pesquisador incansável, professor dedicado e administrador dinâmico. Há porém um aspecto pouco conhecido de sua personalidade, sua inegável vocação literária. Mesmo em ensaios, onde a preocupação maior era a exatidão da informação e a interpretação correta dos dados, Fernando não descurava da forma literária, especialmente quando falava do massapê, dos rios, do lagamar do Iguaçu, da Baía de Todos os Santos e suas ilhas ensolaradas, deste chão e destas águas que lhe serviram de berço e o acalentaram. Mas é em um livro sem preocupações científicas, *Recantos, Encantos e Prantos da Bahia* (1976), feito em parceria com o aquarelista Renée Lefèvre, que ele libera sua veia literária. Esse “é um poema em forma de livro, uma confissão de amor pela terra e pela obra dos baianos”, como com justiça afirmam seus apresentadores.

Não nos alonguemos nestas digressões, passemos a leitura daquilo que foi sua maior preocupação, o estudo da arquitetura franciscana, e que constitui contribuição fundamental à história das artes na Bahia. Ao reunir em um só volume seus principais estudos sobre o tema, a UFBA presta uma justa homenagem a quem foi em vida um exemplo de dedicação à Universidade.

Salvador, Natal de 1986

Paulo Ormino D. de Azevedo